

RANGLES, W. G. L. (Pietermaritzburg, 1928, Nérac, 2009)

Embora de origens sul-africanas, foi em França que o historiador e africanista William Graham Lister Randles se formou e exerceu a sua atividade académica. A nossa informação sobre o seu percurso é muito limitada. Em 1958, apresentou na Sorbonne a sua tese de doutoramento em história, sobre as representações do sudeste africano na literatura europeia do séc. XVI, que publicaria no ano seguinte. Assumiu em 1990 o cargo de diretor de estudos na École des hautes études en sciences sociales de Paris. Contribuiu para revistas como os *Annales* e parece inserir-se na escola historiográfica francesa protagonizada por esta publicação. Colaborou na *Histoire générale de l'Afrique noire* dirigida por Hubert Deschamps, de 1970-71. Os trabalhos históricos de Randles focaram-se em duas temáticas ou áreas de interesse principais, que se interligam ambas com aspetos da história portuguesa. Nas suas obras, faz, portanto, extenso uso de fontes portuguesas, em particular dos séculos XVI e XVII – entre elas, contam-se textos de João de Barros, Diogo de Couto, Damião de Góis, Jerónimo Osório, António Bocarro, António de Cadornega, etc.

Uma dessas temáticas é a história da África subsaariana e das culturas e povos bantus que a habitam, tanto antes como depois da presença europeia, uma área de estudo em expansão desde meados do século XX, quando Randles acrescenta a sua contribuição, que consiste em vários artigos e em dois livros; o primeiro, de 1968, traça um retrato do reino do Kongo (inserindo-se aqui numa tendência historiográfica para a qual também contribuem Georges Balandier, J. Cuvelier, Jan Vansina e David Birmingham, entre outros) e o segundo, de 1975, faz o mesmo para o “império” do Monomotapa (no seguimento de George Theal, Eric Axelson e do arqueólogo D. P. Abraham). Em ambos os casos, além de traçar a sua evolução política, o historiador procura dentro do possível proceder a uma caracterização económica, social, religiosa e inclusive demográfica e urbanística desses espaços. A sua abordagem de tais temáticas segue uma linha parcialmente antropológica, assente em modelos e comparações com culturas bantus mais recentes, mas baseia-se sobretudo (criticamente, como não poderia deixar de ser) nos relatos dos europeus que entraram em contacto com os povos em estudo. De entre estes, os escritos em português são os mais abundantes.

Mas não é só no papel de observadores que os portugueses têm interesse para Randles, que analisa as interações e choques interculturais e o impacto da presença portuguesa (e de um modo geral europeia) nas civilizações africanas. A sua avaliação é de que tal presença foi na quase totalidade disruptiva das estruturas locais e prejudicial para os habitantes dessas regiões. Apelida de falsa a noção de que as primeiras relações entre os reinos de Portugal e do Kongo foram de amizade e diplomacia entre iguais. Mas refere outras alianças com povos africanos, nomeadamente os “jagas” angolanos. Considera que, apesar de a sua presença efetiva no continente ser reduzida, os habitantes portugueses na África ocidental – quer de S. Tomé, quer de Luanda – tiveram um grande impacto nas entidades políticas da região, que combateram, suplantaram ou avassalaram, sempre motivados pela procura do lucro comercial, nomeadamente o resultante do tráfico de escravos. Este tráfico em particular é apresentado como altamente destrutivo, demográfica e economicamente. Os séculos viram o poder outrora real do Manicongo reduzido a uma escala mínima e simbólica, mesmo antes da sua oficial



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sujeição às autoridades coloniais no século XIX, época em que o poderio português sobre Angola se solidifica. Além da esfera político-económica, Randles interessa-se também por outros tipos de influências e transformações, como a religiosa – descreve como o Cristianismo se interligou e sincretizou com as tradições autóctones sem as substituir, levando a casos interessantes como o movimento messiânico de Chimpa Vita (ou D.^a Beatriz), que no séc. XVIII afirmou ser a reencarnação de Santo António.

Quanto à costa oriental de África, o Autor insere os portugueses num esquema de oposição entre os povos agrários bantus e os povos “marítimos” mercantis, uma relação já iniciada com a presença dos mercadores árabes na costa de Zanzibar, mas muito acentuada pelos recém-chegados europeus. Tal como acontecera no caso congolês, a reorientação da economia para um foco comercial (centrado no ouro) e a constante interferência na política dinástica do Monomotapa por parte dos portugueses (que se assenhoreavam a título pessoal de partes do território do mesmo), aliadas a outros fatores de origem mais “indígena”, levaram ao colapso da ordem política vigente, sem – na visão de Randles – a substituírem de forma que trouxesse *desenvolvimento* à região. Efetivamente, descontando a realidade africanizada dos prazos, somente na Época Contemporânea foram implantados sistemas coloniais europeus efetivos.

O outro campo de trabalho deste Autor, remontando sobretudo ao séc. XVI, prende-se com a história intelectual, das mentalidades e da ciência. Nomeadamente, escreve sobre as transformações no conhecimento científico e nas concepções do mundo na transição da Idade Média para a Era Moderna, resultantes, em parte dos “descobrimentos” dos navegadores europeus – a chegada ao continente americano e ao Oceano Índico em especial. Também nesta área têm os portugueses, naturalmente, um papel destacado, ou não fossem eles os primeiros europeus a navegar no hemisfério sul, dissipando as noções medievais sobre antípodas inalcançáveis. Interessa a Randles, por um lado, situar os navegadores e estudiosos quinhentistas numa tradição epistemológica complexa descendente de Aristóteles e Ptolomeu e, por outro, mostrar de que modo o conhecimento empírico que obtiveram cortou com essa mesma tradição e levou a novas noções sobre o globo, a geografia dos continentes, a natureza dos oceanos, etc., bem como à difusão de novas noções, misto de facto e ficção, sobre os povos habitantes das novas terras encontradas (nas Américas e em África), como o célebre “mito do bom selvagem”. Este era um tópico ao qual o historiador tinha já dedicado a sua tese de doutoramento, e ao qual regressaria em múltiplos livros e artigos ao longo das décadas.

Ainda dentro desta temática, estudou os desenvolvimentos científicos e acréscimos de conhecimento ligados às viagens de navegação, tocando por vezes em pontos mais controversos, como a existência ou não da “escola de Sagres” (Randles está no campo dos que a negam) ou aspetos ligados às viagens de Cristóvão Colombo. Deu, porém, especial destaque às evoluções na cartografia, observáveis através da comparação dos mapas produzidos na Europa nesses séculos. Randles demonstrou as formas como os cartógrafos procuraram conciliar as novas informações sobre as partes longínquas do mundo com as concepções tradicionais herdadas de Ptolomeu, da Bíblia e da mundividência medieval – por exemplo, colocando no interior africano, cujas costas são agora conhecidas, as montanhas descritas pelo geógrafo grego ou o paraíso terrestre.

Tendo já mencionado o extenso conhecimento que W. G. L. Randles possuía das fontes portuguesas úteis aos seus estudos, há também que referir que o historiador estava igualmente familiarizado com a produção historiográfica portuguesa sua contemporânea sobre os mesmos tópicos. Nas suas obras, surgem citados e discutidos Jaime Cortesão, A. Fontoura da Costa, A. da Silva Rego, Manuel Lobato, Duarte Leite, Vitorino



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Magalhães Godinho, Luís de Albuquerque (tendo Randles participado inclusive nos estudos em sua homenagem coligidos por Francisco Contente Domingos e Luís Filipe Barreto em 1986-87), entre outros, bem como autores internacionais que se ocuparam da história portuguesa, como E. G. Ravenstein e Alan Isaacman.

O historiador faleceu em França, em 2009.

Bibliografia ativa

RANGLES, W. G. L., *L'image du sud-est africain dans la littérature européenne au XVIe siècle*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959; *L'ancien royaume du Congo des origines à la fin du XIXe siècle*, Paris, Mouton, 1968; *L'empire du Monomotapa du XV^e au XIX^e siècle*, Paris, Mouton e Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1975; "The alleged nautical school founded in the fifteenth century at Sagres by Prince Henry of Portugal, called the 'Navigator'", *Imago Mundi*, 45(1), pp. 20–28, 1993.

Tiago Seixas dos Santos



SUPPORTED BY:

